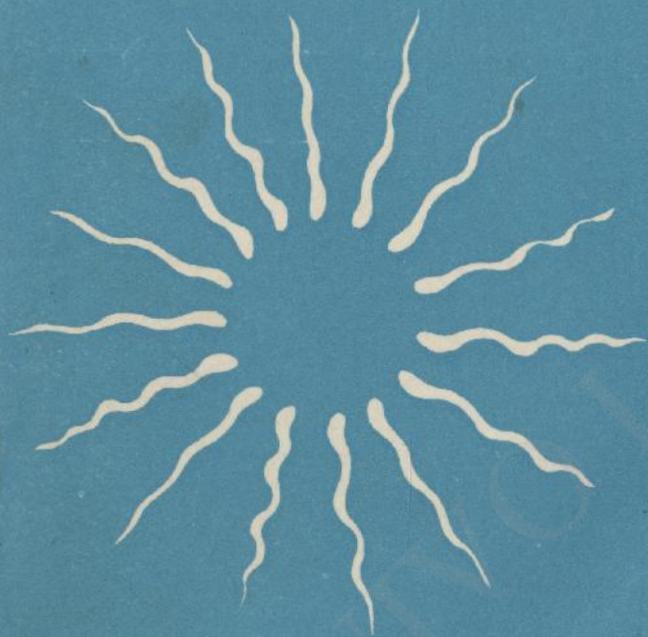


SI
20.



Os Poemas do Itinerário Angolano

POR

RUY CINATTI

CAPRICÓRNIO

18



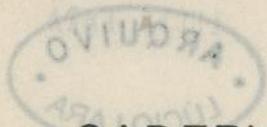
DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

CADERNOS CAPRICÓRNIO

destinam-se a revelar e a divulgar temas e autores do mundo tropical de expressão portuguesa.

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque
- 2 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Hemília — esgotado
- 3 — TEMPO DE CÍCIO — Jairo Rocha
- 4 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVO KIALA — Arantes Van-Dunen — esgotado
- 5 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emilia Kopy — esgotado
- 6 — DESTERRO DE MIM — Vera Salama — esgotado
- 7 — O NASCIMENTO DE CAMELOS ENTRE OS ZAMBIOS — Maria Helena de Figueiredo Lima
- 8 — REBATO PARA BIONDIA — Afonso Miranda
- 9 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
- 10 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 11 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 12 — TEMPO DE ANGSTIA — Alberto de Oliveira
- 13 — ACHAN, A TANGAREIRA — Henrique de Sousa Fernandes
- 14 — O LANGADEIRO — Albano Mendes de Menezes
- 15 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Gama

CAPRICÓRNIO



CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

PUBLICADO :

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque
— 3.^a edição
- 2 — TEMPO DE CHUVA — Alda Lara — esgotado
- 3 — IRMÃ HUMANIDADE — Jorge de Macedo — esgotado
- 4 — FILIPE CABEÇA DE PEIXE — Manuel Ferreira — esgotado
- 5 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benúdia — esgotado
- 6 — TEMPO DE CICIO — Jofre Rocha
- 7 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVÓ KIALA
— Aristides Van-Dunen — esgotado
- 8 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emília Roby — esgotado
- 9 — DESTÉRRO DE MIM — Lygia Salema — esgotado
- 10 — O NASCIMENTO DE GÊMEOS ENTRE OS «AMBÓS»
— Maria Helena de Figueiredo Lima
- 11 — RECADO PARA DEOLINDA — Afonso Milano
- 12 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
- 13 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 14 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 15 — TEMPO DE ANGÚSTIA — Alberto de Oliveira
- 16 — A-CHAN, A TANCAREIRA — Henrique de Senna Fernandes
- 17 — O JANGADEIRO — Albano Mendes de Matos
- 18 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Cinatti

CAPRICÓRNIO

C. P. 364 **LOBITO**
ANGOLA

MANHÃ EM LUANDA
CADERNOS CAPRICÓRNIO

OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO

RUY CINATTI
POEMAS ESCOLHIDOS. O LIVRO DO NOMADA NEU AMIGO
ANTECENDO A VIDA RECOMECA
Publicou entre outros, os seguintes volumes de poemas: OS NAO
Ocidente e o Ocidente.
é uma personalidade originalíssima, em que se cruzam tacitamente a
Ruy Cinatti, que também viveu e trabalhou alguns tempos em Angola.
sua língua

LOBITO, 1974

CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

PUBLICADO :

I — EM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque

RUY CINATTI Vaz Monteiro Gomes nasceu em Londres, mas veio criança para Lisboa, onde se formou no Instituto Superior de Agronomia, tendo publicado diversos trabalhos, que o classificam como um destacado especialista de fitogeografia. Foi também meteorologista. Nesta e naquela qualidade, tem representado Portugal em reuniões internacionais. Tem viajado muito pelo Mundo inteiro, nomeadamente o Oriente e viveu alguns anos em Timor.

Fundador dos CADERNOS DE POESIA e co-director da mesma publicação em todas as suas séries e fundador e director da revista AVENTURA, a qual, de 1942 a 1944, exerceu uma acção destacada no meio cultural português.

Ruy Cinatti, que também viveu e trabalhou algum tempo em Angola, é uma personalidade originalíssima, em que se cruzam ramicamente o Oriente e o Ocidente.

Publicou, entre outros, os seguintes volumes de poesia: NÓS NÃO SOMOS DÊSTE MUNDO, ANOITECENDO A VIDA RECOMEÇA, POEMAS ESCOLHIDOS, O LIVRO DO NÓMADA MEU AMIGO.

CAPRICÓRNIO

1974, OTIBOJO, ANGOLA, LORITO

MUCEQUE

Para Amélia Cesar

MANHÃ EM LUANDA

Para Mário António

Desvanecida doçura a do cacimbo!

A cidade transpira

nas águas da baía.

O mar na Restinga esconde o céu.

Por entre folhagem de casuarina,

Luanda existe,

envolve-se em neblina,

como em panos de chita

as luandinas pretas de olhos graves, suaves.

AGUA IMAGENS AM

Onde estou eu? — pergunto. Sei lá
se aqui foi Almeirim, Aljubarrota,
uma rua do Porto ou de Linhó,
do Arieiro, da nova Porcalhota. ...

Da minha janela avisto o mar
aberto na ilha de Tahiti.

Cruzo uma praça e estou em Lisboa,
lembrando o além-mar longe da Austrália
ou a Martim Moniz na Madragoa.

Luanda é como eu, nunca lá está.

É uma cidade ao deus-dará,
uma aventura, uma idiotia.

Daí, minha ternura consentida.

Minha? — Só Deus sabe o que será

Luanda vivida

à tóa ...

LUANDA REVISITED MUCEQUE

Para Amândio Cesar

Muceque! O coração bate apressado.

Aquí ocorreu ...

Mas entro e vejo tudo sossegado.

Há escritos nas janelas e no céu.

De resto, parado

*o tempo. Crianças que correm,
que jogam, que lançam papagaios.*

*Locandas com muita frequência
com toda a espécie de inventários.*

*— Mulheres que comparam, gostosas
panos pintados*

*e homens que passam, falam e soslaíam
o visitante admirado.*

Muceque — a'deia

*que podia ser bela e é coisa feia,
que atraí por contraste ou sentimento,*

nódoa na cidade

*que dela vive como dum vocábulo:
fauce!*

MASSANGANO

Rio,
fim de tarde,
como engano.

Fortaleza, alfândega, igreja
funcional.

Um pretinho
cicerone.

Rio
Quanza.

Visão!

Paulo Dias
num navio.

Paulo Dias,
Massangano,
arraial!

LUANDA REVISITED

Para Hlúdio do Amaral

«Cidade qu'estaciona...» — escrevi eu.

Andanças

de mancebo ledó

em Luanda — ia nos vintanos,

de capa e batina

e caça-borboletas.

Baile no Palácio do Governo.

Conselho (discursos), S. Miguel à vista

(antes museu, hoje dos morcegos

e do comando generalista),

D. Pedro (do Congo), batuque rimado

e eu feito, feito

par de mulata que lambia os dedos,

que sabia e cheiro

nos olhos, no pescoço e na rebita.

«Cidade qu'estaciona...»,

meu veredito

escrito, prescrito

e pois não há ninguém que não se engane.

A mesma paisagem

que lembra outra cidade

por causa da baía—

be'a Rio de Janeiro

sem Pão de Açúcar (mas com mercearia),

mas com mau cheiro que a baía exala

em certas manhãs de claro-escuro.

Calate alma,

fuma liamba,

não chores, fala!

Ah, remolengo
cismoso que não disfruta, não matuta
e só admira — anos-surpresa

dos anos trinta! Oh quanto tempo
sobrepuxado, conquistado,
sem nunca por fácil ter cegado!
Que vê agora o eu enganado?

Casas-fachada,
que não as de outrora
— sobrados, sanzales ... —,
mas de Alvalade, Torraltá e do Texas.
Ipi-aiô! Kansas City!

Cuca-Cuca

Tantos soldados,
camionistas (de pulso) — ó cowboys de Angola! —,
muleques

e «calhambiques», «escape livre»,
que é de andar à roda
e entrar a medo!

Muceques — viva, viva! —,

poeira no inverno,

no verão lameira,

petizes, petizes, de vários matizes,
conforme o sangue que é da mesma cor,

seja qual for a face do amor.

Algumas relíquias do passado

— igrejas, casas, varandas, alpendres

e fortalezas —

em pé ainda (pouças restam),

insípidas, caóticas vivendas (muitas),

as tais arquitecturas de encomenda

— caixotes empinados sem haver

caixeiros que os arrume —

e eu nos cinquenta a roer um osso
pelas ruas escusas
onde não traqueiam motoretas.
Ipi-ai-ô! Far-Uíge!
Um pé nos muceques — outra vez!
Quem lá vai uma vez por vezes fica.
Outro na Restinga — era Setenta! — ilha
atraente e renque
de caçarinas
do bar Oceano à buête Pisca-Pisca,
passando pe os navais das oficinas
e pelo restaurante das grã-finas (ai!),
pelos pescadores de raça diferente
(catitas, ai, ai!,
suas mulheres),
pelos armazens dos gáudio artistas
que pintam queimadas
e outras bugigangas para turistas.
Senhora do Cabo!
De novo, os navais — oficiais, messe,
com Paulo Dias pegado à parede —,
as esplanadas onde se comem pregos
e gambas — as melhores que existem! —
e entro no hotel a dar à língua
pelo braço dum amigo
com a língua presa: há tanto motivo
inesclarecido
que é cedo para dar o dito por inteireza
«Cidade qu'estaciona...»
de doença. Que ressuscita ... Aíto lá!
Tanto crescer...
Tanto transbordo,
Atenção: re-ce-pção

— *Secretário, Governador, Oficial*

general (alerta!), fêmeaço,

fcdo aqui alçado a dar ao rabo,

pintores, locutores, administradores

e mais o que ora se apresenta:

fenícios de insuspeita qualidade

com dores nas pernas e a policia à vista

e o pequenname ajinal grato

pela atenção militar-civil, que o dignifica.

Ah, cowboys de Angola — motoristas!

Sei que tendes muito que fazer

ou que perder...

A mesma febre de oiro e de consumo

a ferver ao lume.

Robbialac pintatinta!

Cidade que cresce sem saber

e que virá!

Ipi ai-ô! Terrorismo?!

Sim, de várias idades:

vozes que pernoitam escondidas,

outras que derramam claridades.

E vivam os meus tempos de menino

tão perto, por nega, dos de agora!

Que vê a mais o eu perturbado?

Um grande tapume

entre os que vão, estão e os que ficam.

O sol a morder.

A terra acre. Um pobre diabo

ultrapassado já pela cidade

como ela própria: Corimba, Mussulo,

Futungo de Belas,

— pobre diabo que já lá não cabe —,

firme esperança livre!

CRÓNICA MINEIRA

(excertos)

DUQUE DE BRAGANÇA

Um anjo descido

sobe

límpido

asas caidas

françadas d'água

subindo agudo pelas co'unas d'água

hirto

e abro

arfando

asas

no véu d'água límpida.

O chefe do expedido leu a relatório.

O próprio verificou a conclusão.

Meteu a mão no braço.

Fez cara grave, reíres a mão

e afirmou, preempatório:

Doqui não está!

OS DESASTRES DA GUERRA

Eram seiscentos quiôcos

e outros

em Malange.

Que foi feito

dos quiôcos

em Malange?

Foram mortos

sem apelo

pelos outros

em Malange.

CRÓNICA MINEIRA

(excertos)

Para Carlos Krus Abecásis.

I

A expedição chegou à beira do rio,
assentou praça, inspeccionou, verificou
que dum lado corria o rio que inundava uma das margens
e do outro — de um talude que o separa —
havia o leito de um rio, o mesmo, com margem
de gramíneas higrófitas e árvores,
o rio seco ou quase: bombas d'água
que a chupam e despejam
no lado agora oposto do talude
e põem à vista pedras de lomba extensa quase lisa
com areia, cascalho de permeio,
sedimentos finos, fine silt.
Mais anotou
que muitas das lombas estavam esburacadas
e que os trabalhadores — inúmeros — se juntavam
açodados em redor desses buracos a que chamam marmitas.

— Eu vi marmitas
recolhendo o que mais pesa
— cascalho diamantífero
que se escoa e ali fica.

O chefe da expedição leu o relatório.
O próprio verificou a conclusão.
Meteu a mão no buraco.
Fez cara grave, retirou a mão
e afirmou, peremptório:
Daqui não saio!

Mais tarde um serviçal da expedição,
Diamantino, por acaso, de nome,
em serviço da comissão de abastecimento,
queixou-se amargamente e levantou o pé.
Conquanto houvesse discussão
sobre a causa possível do acontecimento,
todos concluíram que a planta do pé
tinha nela presas pedras vítreas.

— Eu vi pedras vítreas
de vários quilate
iguais às que avisto
por detrás das montes.

Chamado à pressa o professor Cinatti,
naturalista e de outros acertos,
mas reconhecidamente distraído,
foi Diamantino submetido
à olhadela prevista.

— Eu vi pessoas chamadas
a dar sua opinião
sobre a Companhia da Lunda,
trocarem o pé pela mão.

Momentos depois, o professor Cinatti,
observada a planta do pé,
retirava com o auxílio de uma pinça
uma das tais pedrinhas — por acaso vítrea —
e, examinando-a à lupa, exclamou: *Caspité!*
Curiosos estes insectos!

II

Escuto:

No sítio onde tu estás a vista inventa
os caçadores de imagens

ainda por nascer, ferozes, arbitrários
em Luremo sempre afinal aparecete
conciliatório alferes e voluntário
e a vista vê, pergunta, tu respondes
à obrigação que suplementa
um motociclo à beira da estrada,
raios de rodas cabelos,
o volante

lira partida com raiva,
um corpo morto com um fio de sangue
escorrendo do canto da boca
e nem os olhos vidrados, estão fechados,
enquanto o carro velocíssimo
brusco na curva da estrada
desaparece. — Que foi?!

— Percorre o vento sinistro a paisagem,
cteia cinza quente ao medo instante
e fogo ao capim seco em que tu-eu me escondes.

— Foram uns filhos da ..., uns traficantes
que o seguiram e o estamparam,
carro potente o deles, Mercedes-Benz,
contra o motociclo, rapaz, um paupérrimo
que os tinha, malvados levava-os ...
eu caço-os, vejam ... houve luta
mesmo depois, mataram no!, eu caço-os
e prendo-os, oh divisas estas ... se não fossem.
matava-os,
cães!

Olho:

Claro,

nem sempre aparece um voluntário nem é necessário
quando o espetáculo acorre à beira da estrada,
à vista da sanzala de Luremo,
e um camion desses que leva muita coisa
pára à entrada,
despeja gente,

CAMINHO DE FERRO

*Vai a caminho da Zâmbia
o comboio de Benguela.*

*Leva manufacturados
e soldados à janela.*

Resfolega quando sobe.

Escorrega quando desce.

*No Lobito, enjim, repousa
e faz o que lhe apetece.*

*Em Nova Lisboa, apita
e carrega muita lenha*

*que alimenta a fome enorme
que há do minério de cobre.*

POEMA EM LOUVOR DOS DE CHIANGA

Louvo o Pai e louvo o Filho,
louvo o Espírito também
nesta terra de Chianga
onde planejam espíritos
jovens, santíssimos meninos,
que me acodem agronómicos,
me dão estrume, água e fé
numa coisa que eu cá sinto,
de que não digo o que é.

Junto ao corpo de Angola
cabeça, o que mais demora,
e vou-me, sem ter-me, agora,
no que bebi nas pupilas
de tantos que me fixaram.
Olhos foram passarinhos
ressurgindo a olhos vários.
Olhos sobreaquecidos
pelo suor de muitos homens.

Com isto me maravilho,
digo adeus pelos campos fora.
Louvo o Pai e louvo o Espírito,
o Filho que me enamora.

PERCURSO PLANÁLTICO

Para L. A. Grandvaux Barbosa

*Do Huambo ao Lubango
são quatrocentos quilómetros.
Metros — medida insensível.
Cinco horas de viagem.*

*Da vez que aqui vim havia uma estrada
larga,
havia uma rua
e outra,
havia uma casa
e outra,
Roberto Hudson Limitada
e Companhia,
havia mais casas,
poucas,
mil novecentos e trinta e cinco.
havia
Norton de Matos,
em Lisboa,
hoje estátua
acompanhada
erguida em Nova Lisboa
na «praça das três culturas».*

*Havia o comboio ... Apito.
Atrasei Nova Lisboa.
Benzo-me. Faço o sinal
e caminho ao infinito.*

*Eu tenho cisco num olho
desde a hora em que te vi
ó Angola portentosa!
Esfrego, esfrego, esfrego o olho
até ver vermelha a rosa
branca que se encontra aqui.*

Saio de Nova Lisboa
sem ter visto coisa boa.
Perdão! Há coisa que vale
no que penso e que senti.

Há a minha Faculdade
— assunto dos meus amores —
da Agronomia e da Árvore.
Há a Veterinária até,
que não é dos meus amores,
com parques — minha verdade! —
e toiros progenitores.

Casas, poeira, unidade
de meios, não de condutores,
reavivam a cidade
novíssima, uma novidade
non nova sea vera.

Nova Lisboa — verdade
crescente como uma fera!
Haja muita liberdade
e cultura — os tempos são
de anarquia e autoridade,
de mocidade e de acção.
Quero-me gente que aterra
com sangue novo a ilusão,
mesmo que o mau gosto seja
de quase tudo o padrão.

Ó destino irreversível!
Ó paradigma e labéu!
Ó Nova Lisboa tonta
de vida e de macaréu!

Esta preguiça de estilo
acaba por aniquilar-me.
Uso então este bambino
de carro — station-wagon.

Nova Lisboa ficou
para trás. Seguimos viagem
pela estrada asfaltada.
Leio as horas: são dez!
Não! — são oito.
Haja paz! Eu digo adeus
à fartura que me cabe.
Bebo toda a paisagem.

Inselbergs! — Ilhas-montes
saíndo da vista plana,
como dorsos de elefantes
marca antidiluviana!

Fotografia tirada
o carro galga horizontes
matutinos. O ar fino
reverbera claridades
vitreas, logo amortecidas
pelo fumo das queimadas.

Ouve-se o toque de um sino
na vilória atravessada.
Da escola saíem meninos
pretinhos de bibe branco.

Planura ondulada como vaga
que avança dencontro ao meu destino.
Longes inertes que provocam frio
e sacodem a alma arrebatada.

Braquistégia!
Braquistégia!
Braquistégia!
Brá...
Tantas árvores destrocadas
pelo fogo, pelo desatino!...

Casas: Caala, Cuima,
com postos de gasolina.
O mapa de Angola é feito
pela Companhia «Purфина».

Um café? ó por quem é!
Agradeço. É muito amargo!
— Deite-lhe açúcar. Verá
que fica adocicado.

Ceta Nova! E a antiga?

Braquistégia? — Sim, há muitas mais.
O género abunda em espécies
e tantas que às vezes esquece
a nova espécie...

Hiemilinhosa: Berlina, Braquistégia,
Ferralíticos os solos, ferrálicos.
— A língua delira
e estala nomes na boca.
Há savanas complexas...
Acácias, por engano...

Julbernardia! — Que mistura
de sons e de literatura
e de ciência francófila!

Ah!...

Floresta? — Não é. São laranjais.
Floresta? — Sim, mas de Cupressus
e eucaliptos e Pinus do México,
tudo introduzido.
O resto, matos
e termiteiras de formas esquisitas:
pingos de tocha,
cogumelos,
excrementos!...

E a Braquistégia? E o Combretum?...
E Timor? Ó ala, cala-te!

Se fosse Governador...

Enough! Já cá faltava
o vício paternalista.

— Sou romano. A lusa gente
não tem culpa da desdita.

Aguentar portanto, andar,
seleccionar a verídica
parcela de identidade
una e múltipla — alusiva
razão verticalidade

que começa por excluir
o que não sou. Dono de quinta
não, nem generalista,
nem parceiro da verdade
que se julga exclusivista.

Angola merece os tais
que se espojam na humildade
e morrem na interioridade
da obra que dignificam.

O resto — olha a novidade!... --
é técnica, mas científica
e ética — esta não a que
tudo desdenha a desgraça,
mas a do manuel, joão,
clara, maria e francisca.

Viva, pois, o meu herói,
que morre, que ressuscita!
se o mito me dá vida.

Se fosse Governador,
governava, está tudo dito.

O livro da Natureza
aberto está: basta aprender.

Preferias ser Ministro?!...

— Cebolório! Cabotino!

*Caconda por fim avança.
Desce pela avenida abaixo.
Terra igual à que foi ontem,
pouco há que contempla-la.*

*Basto-me pois num café-
restaurante, com pinturas
de lagos, sois encarnados,
cisnes, palmeiras, veados,
capelas de cruz doirada
e montes de verdes prados.*

*De vida humana tem padre
sentado — branco, na batina.
Tem pretas de pés cruzados
bebendo cerveja «Cuca».
Tem dois ou três empregados,
pai e mãe, filho, uma filha
e o rapaz nado em Barcelos
a quem perguntei pelo galo.
Tem duas ou três meninas
pretas, muito bem vestidas,
que esperam pelo aviado
com olhos de cidadinas.
Tem três galjarros sentados
que ladinam...*

Tem...

*Tem Braquistégia na estrada
que roça, desenrola, enrola
afinal estando parada.
— Oh, a vista fatigada!
— Oh doído, o conhecimento!*

*Tem mais, mas eu não vi mais.
Caconda caiu num poço.
Avisto parado gado
reduzido a pele e osso!*

Não há cálcio, não há fósforo.
Faltam muitas proteínas.
O capim não presta. O gado
também come vitaminas.

Brá... A floresta adensa.
A folhagem encontra a vista
matisada: verdes claros
e escuros de Braquistégia,
sanguíneos, ocres, azuis
de espécies que não conheço
ou talvez de Braquistégia,
tudo na mesma paleta.

Cheguei na época seca.
Só vejo crua natura.
Mas há belesa na selva
mesmo adusta ou madura.

Um rio?! Ah, oh, finalmente!
Um veio d'água esquecido
entre prados e colinas.
Verdes, os prados...
São hortaliças...
Distingo repolhos, nabos
... e viva Cesário Verde!

Distingo ao longe uma cabra
junto a vacas holandesas.
Não são! É indigenc, o gado
— preto, branco, salpicado,
castanho, café com leite.
E vejo muros caiados
que me aproximam fazendas.

O floresta planáltica,
minha alegria nascente
quando deparo uma aberta
manchada de casario!

Caluquembe, Vila Branca,
Negola — nomes de gentio,
menos o que está no meio,
que une os dois ao seu feitio.

Começam a ser frequentes
casas de comes e bebes
onde gente alvoroçada
desce de camionetes.

Indicações de moradas.
Missões: católica, adventista.
Ó catedrais desgarradas
unidas pela floresta!

Só não vejo o munhangolo.
flor lembrada de outros tempos,
em Setembro ... verãooutono.
Flor perfumada...
Era noite... Era estrelada.
Foi há trinta e cinco anos!

Mas passo gente aferrada
ao mister de viajante.
Carros com gente apressada.
Mulheres, a pé, com crianças
adossadas contra as costas
e homens de enxada ao ombro
e de cigarro na boca.
Todos pretos.

Cacula, Hoque — já perto
da meta predestinada.
São já horas do almoço.
Mudam acácias o aspecto
da paisagem contemplada.

Há descidas e subidas
e montes que se avisinham
e bosques de Braquistégia
mas também de Julbernadia,
que mostram a evidência
a formação secundária:
troncos esguios e juntos
como pernas de magriços
em dia de inspecção médica.

Mas oh, quanta obsessão
por causa da Braquistégia!
— talvez a leguminosa
com mais numero de votantes
na floresta da Nação.
Talvez lhe peça alguns votos
se me alçar um dia
a Governador do Mundo.
Ainda há tempo para pensar
Nós não somos deste Mundo.
Ponhamos por fim um ponto
final a este género ingrato.
Elejamos outro género
que pelos vistos aparece,
embora pouco conspicuo,
e nomeemos a espécie
Royenna pallens, ebenácea,
parente do diospiro,
arbusto mui sarmentoso
que é dono do mais potente
e secreto afrodisíaco.

E já agora o Strophantus,
que eu vi e fotografei
sem saber — aqui d'el-rei! —
ser produtor de veneno
usado pelos Bosquimanes



nas setas. Mas basta de
divulgação eclética. Haja termos!
Fiquemos com a Braquistégia
sempre ao alcance da mão.

Munhangolo, planta, flor, semente,
presente dos meus tempos de retina,
flor que não encontro, mas germina,
floresce, entontece a minha mente.
O teu perfume cala-me. Consente
que o silêncio venha retratar-me
tal fui — secreto adolescente
ansioso por dar-me e encontrar-me.

Mesmo à beira
do sonho, da evocação,
avisto Sá da Bandeira...

Hortejos, pomares, lampejos,
telhados de habitação,
antecedem a cidade,
alertada alacridade
no colorido das casas
que têm por fundo a Chela
serra, alto paredão.
Quanta frescura bebida
nos olhos, quanta comoção!...

A voz falada...
O silêncio...

Está terminada a jornada.
O resto será envio
ou mera recordação.

BALADA A SÁ DA BANDEIRA

Airosa, como foi sempre,
protegida pela montanha,
Sá da Bandeira convida
a parar, beber o ar
que as alturas purificam,
desvanecido o olhar
nos trajectos repetidos
a Tundavala — lugar
nascente de precipícios
e de pedras carcomidas
como se fossem ruínas.
Mas há mais: Sá da Bandeira,
Lubango de mil matizes,
tem a Senhora do Monte
e mulheres de raça muila
que passeiam indiferentes,
escorreitas nos seus penteados,
altivas nos seus mamilos,
suas axorcas lucentes,
seu olhar de olhos antigos.
Quem bebe nesta — aquelas fontes,
ou noutras que se adivinham,
tarde ou cedo há-de voltar
para celebrar, evocar
uma epopeia jacente
começada a ocidente



BAJADA A SA DA BANDEIRA

lá longe na periferia
do continente e do mar.
Foi a gente madeirense,
atravessados desertos
de Welwitschia e arbustivos
e mutiatis ardentes
de arvoredo e sol a pino,
que trepou pelas vertentes,
cansada, mas persistente,
e pisou cumes altissimos
de onde se julga ver o mar
em dias de céu purissimo.
Foi a gente da Madeira,
gente teimosa e paciente
que fundou Sá da Bandeira
e veio cá povoar,
fomentar, criar raizes.

ONDE SE FALA DE MOÇAMEDES

Para Raquel Sociro de Brito

Não consigo arrancar o poema sobre Moçamedes.

Moçamedes comove-me, fascina.

O poema seria epigramático

como convém a certas sínteses que intímam.

Moçamedes cortou-me as voltas

e o poema começou no fim. Assim:

Moçamedes! Mas só na Beira

haveria um homem são

que pudesse transplantar

no deserto uma ilusão.

Depois retrocedi,

recuei do fim para o princípio:

Terra de muita oliveira

e pescado e um barão

— esse que veio da Beira

apelar população.

Decididamente estou estupefacto e farto

de redondilha,

de vogais abertas — ão, ão, ão! —,

de outras idiotias

que metem a prosódia entre báiãs,

lhe tiram ritmo próprio ou quando não

desfiguram a ideia e criam imagens

que só à força aderem ao sibilino factacto,

*fora a tolice que transforma um olival em muitas oliveiras
como se delas fosse ecótono Moçamedes.*

Não consegui começar o poema sobre Moçamedes

pelo simples facto de Moçamedes ser isto e não aquilo

que eu supunha, é tolo!, dar nas vistas.

Moçamedes tem imagens radiantes

que se antepõem

indiferentes a toda a estilística

e passa adiante. Exemplos:

Moçamedes recebeu anos de ausência,

creceu

sem desfigurar as aparências;

continua a ter avenida marginal

que sem Luisa Todi é mesmo de Setubal;

sem igreja, coluna, possui a praceta,

em Setubal com o nome de um poeta;

Moçamedes reduziu a dimensão

do Castelo e chamou-lhe Fortaleza

de S. Jorge — o outro, S. Filipe

de Setubal e este,

postal da cidade, caiado, bonitinho,

parece um brinquedo de menino.

Moçamedes tem ruas

iguais às de Portimão

e tem jardim zoológico (primeira diferença) pequeno, onde à tarde

os petizes

entretêm os pais trocando olhares com um elefante

também petiz,

com gazelas e antílopes

e alguns pardais: grus croados, outras aves.

O resto é mar e porto

e casuarinas

e pescadores curtidos,

que tanto podem ser daqui como dali,

e camionistas de porte mais listo,

salvo quando aparecem Mucubais (segunda diferença);

pretos elegantes

vindos do deserto (terceira),

criadores de gado e bebedores de leite.

Os Mucubais não vêm do deserto — paciência!

Atravessam-no

marginalmente.

O deserto só ao sul tem Bosquimanês,

gente que o habita
marginalmente.

O deserto pertence a Moçamedes, mas é extrínseco
deserto de miragens para estetas,
com dvestruzes, cabras-leque, zebras
e Welwitschias — estas para botânicos,
fora, curiosos, os turistas.

Há dias fui a Moçamedes.

— A última foi há trinta e cinco anos!...

Recusei-me a ir ao restaurante,
pedi tasca
circunjacente

— daquelas que um poeta inventa e vê romântico.

Comi na antiga vila
início de Moçamedes,
hoje muceque, mas com oliveiras e mangueiras
(as tais da rima...),
caranguejos
pescados a novecentos metros.

São estas as imagens que me afirmam
visitante.

— Sim, há o ferro de Cassinga
que vem ver,
chamar navios,

mas não o vi mau grado o comboio de meio quilómetro
que passa a ponte quando
interrompe o trânsito.

Não consegui dar forma ao poema.

Que pena! Dou-o por findo.

Se pudesse viveria aqui,

excluindo o que de melhor há em Angola.

Adeus Moçamedes!

Terra de pretos, Moçamedes
de brancos, de solidão.

Desenho palavras mansas
que soletram...

O perdulária maga alegoria,
realidade surta e incompleta!

UMA PLANTA

Um hipocótilo.

— *Terra!*

Taça com flores espetadas

como alfinetes antigos.

Folhas glabras,

onduladas

que nascem como cabelos.

Eis a Welwitschia

mirabilis,

que alastra bebendo água

que nunca lhe mata a sede.

— *Polvo-alga,*

vivo fóssil,

planta do deserto pétreo,

ao longe, deserto líquido!

Sonhei ver a Dama Branca,

Iona, poisando nela.

— *Miragem,*

como Afrodite

na concha!

BALADA DO RIO LUCALA

Para Orlando Ribeiro

O rio Lucala nasce
no Lucala — rio-riacho
que desliza entre gramineas,
pedras, moliços e árvores,
gramineas, riacho ainda
que desce, como descem todos
os rios.

Montanhas há, menos altas,
colinas, veredas, vales,
que lhe indicam o caminho.
Deslumbro-me!
Imagino!

O rio Lucala nasce
em Negage, ou dali perto,
no distrito do Uíge,
capital Carmona e história
imprevista, mas a sério.
Sobe metaforicamente,
desce e sobe e obedece
aos previstos acidentes,
fluindo
na planura planáltica
por meandros de aventura
não desenhados no mapa
obrigado à geografia
cartográfica.
Desconheço a conjuntura,
como se agora diz,
porque eu nunca lá estive,
nem a invenção me condiz.

A geografia
exige!
O rio Lucala nasce-me
do espírito!

Depois,
desde e sobe, sobe e desce,
volta-se, reviravolta-se,
segue a direito no mapa,
desvia-se,
torcicola
até chegar ao limite
de uma escarpa alti-dramática.
— Essa eu vi, mas há mais vistas
do que as pensa
a geografia,
as que a geografia não pode
ler-ver.

Ali arroja-se em queda,
abre-se e fecha cortinas,
abertos os lençois d'água
que se desfazem em espuma
tonitroante de altura
contra fustes, contra arestas
nas quedas do Duque — ouviste?! —
de Bragança!

Que vi eu? Desjeita em água,
a minh'alma,
irisada maravilha,
textura — o melhor tecido —,
uma túnica inconsutil,
mas não de Jorge de Lima,
de água-cristal e finura,
súbita ciência pura
vista audível
água pura poesia,
a que nasce e me tem vivo,
outro não sendo.

Que li eu? Eu li, espantado,
no livro da Natureza
— vem poeta, escreve tu —
as maravilhas da física
recreando a Natureza
por amor da geografia.

Depois, caminho andado,
concedo,
regressa ao seu leito antigo
o Lucala,
sossegado,
entre margens, acessível
à geomorfologia.

Depois...
cezura.
Vaia por Dios!
Deixei de o ver...
Plantações...
Sisal e fruta...

Depois...
o Lucala. Uma ponte.
Transeuntes.
Sanzalas à beira rio.
Eu que o persigo,
tão calmo o rio
que as quedas esqueço.
Dizem-no infestado
de crocodilos — não vi.
Profundo rio,
paradas vacas — nas margens —
bebendo...
Grácis gramíneas,
tufo e ilhas
de Pennisetum,
meio do rio
que é como um quadro

na floresta-galeria.
O céu — de nuvens.

Lucala que me persegue
dos longos de um sonho incerto.
Seguimos o mesmo rumo,
mas por caminhos diferentes,
que cada um de nós conhece
por lhes ser (ele) aderente.

Depois, outra vez o rio.

Outra ponte...

se é que a sinto.

Lucala.

Uma vila breve, acálida,
casas, fábricas...

Um desafio

à Natureza,

com bicos brancos

passarinhos,

pássaros de atrás-adiante,

gente que me enche

notória,

gente nova frente a frente

passando

pela estrada à beira rio.

Outro intervalo. Caculo,
antes de olharmos o Dondo.

Aonde o rio?

O rio aonde?

A minh'alma é de prata
transparente.

transparente.

É um mar...

Nela desaguam rios...

O Lucala depois morre
indiferente ao desengano,
indiferente ao seu destino,
afluente do Quanza,
rio mais importante,
não longe de Massangano,
terra nobre,
sítio histórico,
que é passado pelo Quanza
rio histórico,
rio enorme...

— Nele desagua o Lucala.
Acabou-se a geografia,
a história,
a poesia.
Fim do poema.
Fim do poema:
Rio Lírico!

CONCLUSÃO

Para Maluda

*E, no entanto, Luanda comove,
Luanda sobressalta
— Mulher que acorda extremunhada
quando menos espera
e desleixada penteia no espelho
maravilhado da baía
restos de sonho
entremeados pelo quotidiano
de longínquos páramos lembrados
pelo capricho de quem não tem dono.*

CERTEZA

Exclamação!

Comoção!

Desilusão!...

*Mas não desisto
de Angola!*

*Como então,
velho-novo,
Angola vive,
sendo velha
como eu?!*

*Mulher minha?!
Afirmo. Afirmo-a
juventude!*

3529M
~~3529~~